



UM OLHAR SIGNIFICATIVO VOLTADO PARA EDUCAÇÃO ESPECIAL: Uma experiência vivida durante o estágio supervisionado na educação infantil.

Gilcikeila Paiva de Araujo¹

Crislanne dos Santos Silva²

Sara de Carvalho Gomes³

Maria das Neves Alves⁴

Teresa dos Santos de Brito⁵

Aziel Alves de Arruda⁶

RESUMO

A presente pesquisa tem como tema *UM OLHAR SIGNIFICATIVO VOLTADO PARA EDUCAÇÃO ESPECIAL: Uma experiência vivida durante o estágio supervisionado na educação infantil*, tendo por objetivo investigar: Como lidar com a diversidade dos alunos especiais no ambiente escolar para que os mesmos tenham um bom desenvolvimento no processo da aprendizagem, um relato vivido no estágio realizado no CMEI Aldenora Santana de Lima, localizado na cidade de Codó – MA. Os principais autores que sustentaram as reflexões deste estudo foram: Barros (2005), Cury (2002), Barrozo (2012), Oliveira (2013) Nolte (2003), Nascimento (2005), Scalabrin (2013), Sekkel (2010), Harris (2003) entre outros. Algumas reflexões sobre o que as crianças aprendem e o que vivenciam a importância do brincar e do relacionamento da família com a escola na formação social das crianças, ainda sobre o preconceito em relação às crianças com deficiências. Estes autores aqui citados colaboram na atividade metodológica adotada, de cunho qualitativo e quantitativo, partindo da análise documental baseando em documentos oficiais que regulamentam a educação brasileira, mais precisamente o que se diz respeito à educação inclusiva e educação especial. Esta pesquisa pautou na experiência e relato vivido no estágio supervisionado na educação infantil, com observações e anotações feitas. Concluindo que o estágio é importante para a formação docente em todos os sentidos possíveis, é nesse momento que ele sabe se é realmente isso que ele quer para a sua vida. Que os pais tem um papel importante na formação dos filhos o preconceito é colocado nas crianças, e a formação dos professores também é importante porque é importante nesse caso, pois ele saberá como incluir essas crianças ao meio.

Palavras-chave: Estágio, Professores, Inclusão.



- 1 Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão- UFMA – keylapaiva65@gmail.com
- 2 Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão- UFMA – crissantos2015silva@gmail.com
- 3 Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA – saragomee@gmail.com
- 4 Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão- UFMA – maryneves209@gmail.com;
- 5 Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão- UFMA – biancasantostza@gmail.com
- 6 Professor orientador: Doutor, do Centro Ciências da Universidade Federal do Maranhão- UFMA - Codó, aziel.arruda@ufma.br;

INTRODUÇÃO

Ser profissional na educação requer um grande trabalho, no estágio é onde podemos observar se é exatamente isso que queremos para nossa vida, O estágio supervisionado exigido nos cursos de licenciatura é importante porque é nesse momento que o estagiário tem contato pela primeira vez no ambiente em que ele vai exercer a sua profissão. Colocar em pratica o que aprendeu na teoria nos momentos das aulas, observar pratica pedagógicas do professor regente da sala, para então criar as suas.

Segundo Imbernon (2001), crescer é ter acesso, é ter atitude fazendo aluno participar, para isso, é preciso conhecer os alunos, a comunidade interna e externa da escola são fatores que melhora a qualidade do trabalho e do educador, pois quando o mesmo conhece a realidade, consegue elaborar melhor a sua prática em sala de aula e obtém mais sucesso em seu trabalho.

O trabalho foi realizado através de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, realizada a partir de discussões de autores e o relato de uma experiência vivida no estágio supervisionado obrigatório. Com a utilização dos recursos metodológicos observações diárias feitas na sala de aula, diário de pesquisa, caneta, caderno celular. Sendo que essas observações foram realizadas enquanto as crianças brincavam na sala e parquinho no pátio do CMEI Aldenora Santana de Lima localizado na cidade de Codó e trabalha na modalidade pro infância com a faixa etária a partir de 1 ano até três anos e 11 meses de idade, em turmas do berçário ao maternal II nos turnos matutino e vespertino.

Diante disso foi levantado o seguinte questionamento: Como lidar com a diversidade dos alunos especiais no ambiente escolar para que os mesmos tenham um bom desenvolvimento no processo da aprendizagem?

Pretendo com esta pesquisa alcançar nosso objetivo geral que é propor alternativas para melhorar a aprendizagem das crianças especiais de modo que elas possam apresentar um avanço em termos de aprendizagem escolar. Utilizamos atividades de escritas, pinturas, jogos e peças teatrais relacionadas com diversos temas. Ao trabalharmos com a música: “Amigos do



peito” da turma do Balão Mágico, buscamos fazer com que a criança reflita sobre os valores referentes a amizade. A construção da árvore da amizade seguiu a mesma intencionalidade, aprendendo que a amizade e o brincar juntos, requer cuidados, compreensão e amor pelo outro. Sabendo que as crianças se encantam por histórias cheias de fantasias, de fadas, princesas, aventuras, nessa perspectiva trabalharam com elas os conteúdos relacionados à disciplina de Língua Portuguesa por meio de fantoches e contos.

Alguns dos autores utilizados para nesta pesquisa foram Barros (2005), Cury (2002), Barrozo (2012), Oliveira (2013) Nolte (2003), Nascimento (2005), Scalabrin (2013), Sekkel (2010), Harris (2003) entre outros. Algumas reflexões sobre o que as crianças aprendem e o que vivenciam a importância do brincar e do relacionamento da família com a escola na formação social das crianças, ainda sobre o preconceito em relação às crianças com deficiências.

Em suas obras esses autores ressaltam a importância do espaço escolar, onde é o lugar que os educandos deverão aprender a ler, escrever, interagir e respeitar com todos naquele ambiente.

Piaget, (1998), fala em educação é em primeiro lugar, reconhecer o papel indispensável dos fatores sociais na própria formação do indivíduo. A educação é a condição necessária ao desenvolvimento natural deste, pois este não poderia adquirir as suas estruturas mentais mais essenciais sem uma contribuição exterior.

Ou seja, a convivência com a família e com a escola, é que forma as ações (comportamentos e atitudes) da criança. Sendo assim: se a criança vive ouvindo críticas, aprendem a condenar, se convivem com a hostilidade, aprendem a brigar, se vivem com vergonha, aprendem a sentir culpa, se vivem ridicularizadas, aprendem a ser tímidas, se convivem com a bondade e consideração, aprendem o que é o respeito e tudo começa na educação infantil.

A importância do estágio supervisionado para formação docente

O estágio supervisionado é o primeiro contato que nós como futuros professores temos com a sala de aula. Permite ao profissional conhecer a realidade da profissão que optou para exercer, quando o acadêmico tem contato com as atividades e o estágio, ele inicia a compreensão daquilo que tem estudado e começa a fazer relação com o cotidiano do seu trabalho. O que de fato é importante para que seja realizado um bom trabalho e seja construída uma boa carreira de profissional.



Tardif (2002), o estágio supervisionado constitui uma das etapas mais importantes na vida acadêmica dos alunos de licenciatura e, cumprindo as exigências da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), a partir do ano de 2006 se constitui numa proposta de estágio supervisionado com o objetivo de oportunizar ao aluno a observação, a pesquisa, o planejamento, a execução e a avaliação de diferentes atividades pedagógicas; uma aproximação da teoria acadêmica com a prática em sala de aula. (MOLINARI; SCALABRIN, p.03, 2008.).

Com o pensamento do autor podemos concluir que o estágio favorece ao licenciando oportunidades, como desenvolver as habilidades necessárias para exercer a profissão, adquirir conhecimentos teóricos para então ter domínio na sua prática e adquirir experiências para se desenvolver no campo profissional. Porque de fato é importante que o estagiário se encontre na realidade social da educação, para que ele não seja mais um professor, e sim o professor.

Existem várias modalidades de estágio, como o estágio curricular obrigatório e o estágio extracurricular não obrigatório e isso pode confirmar nas falas ainda os autores acima citados,

Há várias modalidades de estágios, estágio curricular obrigatório que é uma atividade assegurada na matriz curricular do curso, cuja prática varia de acordo com o curso e pode ser realizadas em organizações públicas, privadas, organizações não governamentais ou através de programas permanentes de extensão da universidade. O estágio curricular não obrigatório se refere às atividades complementares ligadas à área de formação do aluno, porém, importantes para o desenvolvimento profissional dos acadêmicos, pois propicia maior tempo de intercâmbio entre a universidade e os espaços de atuação, melhorando desta forma o método de aprendizagem, podendo ser desenvolvidos em organizações que mantêm convênio com a universidade. (MOLINARI; SCALABRIN, p.02, 2008.).

Ou seja, os autores mostram que esses dois tipos de estágios tem suas importâncias, e que o aluno pode aproveitar a carga horária do estágio extracurricular não obrigatório para a complementação das horas complementares exigidas no final do curso para a obtenção do diploma. Um aprendizado a mais para o estagiário, porque muitas vezes a carga horaria do estágio obrigatório exigido pela Instituição que o licenciando estuda, não é o suficiente para absorver tudo que é colocado na teoria.

Na teoria lemos vários autores que se dedicaram a estudar sobre a criança, como Piaget, Wallon, Vygotsky e entre outros. Tudo acaba sendo uma maravilha, que muitos estagiários já querem estar na sala de aula, mas, quando isso acontece o encanto se acaba. Isso porque se nos deparamos com uma escola sem estrutura e sem material escolar e muitas vezes com a ausência da merenda escolar, onde a falta da mesma se torna um dos fatores que prejudica no processo de aprendizagem da criança.

É nesse sentido que o estágio se torna como uma amostra, para que o licenciando possa entender o que ele passara exercendo a profissão. Outro fator importante que destaco é a falta de apoio de muitos professores para com o estagiário. Não se sabe de fato o porquê esses



profissionais não aceitam os estagiários em sua sala, mas digamos que seja pelo fato de sentirem vigiados.

. Logo é alguém diferente, com metodologias e práticas diferentes dos deles e querendo e sentimos medo do desconhecido. Porém, de acordo com Scalabrin e Molinari afirma,

Nesse contexto o professor regente deve ter consciência da importância do trabalho coletivo, de trocar experiências, de auxiliar o estagiário na sua formação, pois um aprende com o outro num sistema de cooperação. Deve se ter como ponto de partida a discussão coletiva de um trabalho que comece com a realidade do aluno e desta forma o estagiário percebe que a coletividade implica partilha, reflexão, comprometimento, interatividade, formação permanente, colegialidade, realidade social, inclusão e ascensão social, tudo o que buscamos nessa sociedade da qual fazemos parte. Assim, o estagiário poderá perceber que o professor não deve ser técnico, mas dinâmico, deve ser dotado de conhecimentos, habilidades e atitudes para crescer a cada dia de forma reflexiva e investigadora, superando dificuldades. (MOLINARI; SCALABRIN, p.03, 2008.).

Os autores querem dizer que o estagiário vai aprender com o professor regente. Que é ele que vai ensinar o que aprendeu e como lidar com certas situações. É ter esse trabalho coletivo e um ajudando o outro. Logo porque aquele professor também já passou por um estágio e precisou da ajuda de alguém para aprender o que sabe. Mostrando suas práticas pedagógicas para que o licenciando possa adquirir a mesma, ou até descobrir uma outra e pegar para si.

O lúdico na educação especial: um contexto na sala de aula

Com o passar dos anos a escola se encontra com grandes dificuldades para atender a demanda de crianças com necessidades especiais, pois as crianças tem ganhado espaço no ensino regular. Sendo assim, muitas vezes a escola não tem uma estrutura, os recursos necessários, uma vez que precisam se adaptar.

A criança por direito tem que estudar, a educação infantil é a primeira etapa da vida dela, é onde as brincadeiras através de jogos, músicas, atividades e até mesmo a dança são frequentes, seja no pátio da escola ou na da sala de aula. Isso porque é fundamental que se tenha uma participação proveitosa e poder processar o seu crescimento.

Segundo Oliveira (2002, p.160) ao brincar, a criança passa a compreender as características dos objetos, seu funcionamento, os elementos da natureza e os acontecimentos sociais. Ao mesmo tempo, ao tomar o papel do outro na brincadeira, começa a perceber as diferenças

perspectivas de uma situação, o que lhe facilita a elaboração do diálogo interior característicos de seu pensamento verbal.

Para Gusso e Schuartz (Apud, Damasceno et.at 2013) “o brincar é uma atividade que proporciona que a criança desenvolva habilidades sensoriais, motor, sociais, comunicativa e cognitiva”. Com esse pensamento podemos concluir que a partir do momento em que o educador dar liberdade e o espaço para a criança, ela consegue se movimentar descobrir, se expressar, interagir e, além disso, descobre funções do seu corpo e autonomia. É importante esse ato, por que é mais que o contato com o outro, é o contato com o mundo, o objeto e os sentimentos. Além de aprimorar as habilidades motoras da criança, através dos brinquedos de várias formas, cores e tamanhos.

A sala de aula é um espaço onde estão várias pessoas de diferentes características, na educação infantil tem aquelas crianças que gostam de brincar, falar demais, cantar, dançar, correr e ficar quietinha. O que o professor pode fazer para interagir essas crianças são as atividades desenvolvidas por ele, sendo elaboradas de acordo com as habilidades alinhadas com a BNCC (Base Nacional Comum Curricular). O professor tem que pensar na sua metodologia, para poder ser utilizadas com todas as crianças na sala de aula evitando uma segregação no ambiente.

Muitos professores se sentem preocupados quando recebe um aluno com deficiência na turma, isso se deve por dois motivos: a escola não tem os recursos suficientes para atender aquela criança ou o professor não tem uma formação adequada para trabalhar com ela. “No Brasil, os documentos legais estabelecem que a educação é direito de todos, indicando que as pessoas com necessidades educacionais especiais devem ter atendimento educacional preferencialmente na rede regular de ensino.” (MENDES et al, 2003 p.03).

Mesmo com leis esse ensino se apresenta precário em algumas escolas, não é o caso da escola na qual realizei o estágio, pois a escola tem profissionais qualificados para melhor atendimento a essas crianças. Mas, existem muitas ao redor do país com esse tipo de ensino, que infelizmente vai excluindo as crianças do meio educacional. Elas vão sendo rejeitadas e isso se torna algo preocupante por que sabemos o quanto o preconceito é triste e aterrorizante de quem é vítima. Se a criança com deficiência ou seus irmãos se recusam a frequentar a escola, por vergonha, é que, por algum motivo, foram expostos a situações desagradáveis. A equipe escolar tem de estar atenta para informar e sensibilizar as outras crianças sobre a melhor forma de lidar com esta questão. Conviver com a diferença exige um aprendizado muito importante,



que pode ensinar a criança a valorizar as potencialidades de cada um, respeitando as diferenças. (MENDES et al, 2002 p.10).

De acordo com Nolte e Harris (2003) as crianças aprendem as coisas com a convivência, ou seja, aprendem o que vivenciam. Convive-se com a inveja, aprendem a invejar. Se vivem com vergonha, aprendem a sentir culpa. Se as crianças vivenciam tolerância, aprendem a ser pacientes. Se vivenciarem o elogio, elas vão apreciar. Nesse caso se a crianças convivem com o preconceito, elas vão praticar. Infelizmente o que vemos é cenas como essas no contexto escolar, de crianças rejeitando outras por apresentar um tipo de deficiência, que de acordo com o pensamento desses autores, é algo colocado nelas e não que nasceram com elas. De modo geral a família tem um papel fundamental na construção da vida da criança.

O lúdico é colocado como o método para melhoria da aprendizagem na educação inclusiva. Principalmente no momento da socialização é uma das mais importantes tarefas do desenvolvimento, que sempre acontece entre os alunos através das brincadeiras e jogos, ou seja, o lúdico. Desse modo, podemos perceber o quanto essa ferramenta é importante na etapa da criança na educação infantil.

É importante salientar que as escolas encontram dificuldades para realizar as práticas Pedagógicas voltadas a atender a nova demanda, ou seja, têm um grande desafio a ser cumprido (Silva, 2014).

Desse modo, o educador precisa ter uma maneira diferenciada com relação ao uso do lúdico, como forma de ensino. Pois, ele está ligado com a criança, assumindo uma grande importância, onde ela consegue desenvolver suas habilidades, respeitando os valores no ambiente escolar e principalmente ganhando um espaço onde vive.

METODOLOGIA

Para nortear a pesquisa e dar respostas às questões que estudamos e investigamos assim como os objetivos de modo haver uma contribuição para educação Inclusiva e Especial observada e acompanhada durante o estágio realizado na educação infantil. Os procedimentos realizados na presente pesquisa foram pesquisa de campo, levantamento documental, descritivo, teórico bibliográfico de cunho qualitativo e quantitativo.

Análise documental

Para análise documental nos baseamos em documentos oficiais que regulamentam a educação brasileira, mais precisamente o que se diz respeito a educação inclusiva e educação especial. Documentos como LDB 9394/96 (Leis de Diretrizes e Bases), assim como também as Diretrizes Curriculares e suas implicações no sistema educacional brasileiro. Esta análise se fez necessário para conhecermos os objetivos e conteúdo dos referidos documentos, e aos estudarmos nos permitiu proceder a uma análise mais adequada dos dados coletados com interfaces com a bibliografia que nos serviu de fundamentação teórica.

A análise documental Segundo Lakatos & Marconi (1996, p. 44) afirma que:

Documentos de fonte primária são aqueles de primeira mão, provenientes dos próprios órgãos que realizaram as observações. Englobam todos os materiais, ainda não elaborados, escritos ou não, que podem servir como fonte de informação para a pesquisa científica. Podem ser encontrados em arquivos públicos ou particulares, assim como em fontes estatísticas compiladas por órgãos oficiais e particulares.

Corroborando Gil (2002, p. 43) a pesquisa bibliográfica traz como conceito “Desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” A pesquisa bibliográfica para Vergara (1998, p. 45), “É o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral”.

Foi abordado como fator importante o relato de experiência vivenciado durante o período do estágio realizado na modalidade da Educação Infantil, uma vez que relatar experiências vividas nos traz à tona momentos únicos e nos leva a refletir sobre como devemos nos comportar diante das diversidades que encontramos no contexto escolar.

A caminhada: relato de uma experiência durante o estágio na educação infantil

Ao iniciar o estágio supervisionado obrigatório, na Educação Infantil começou primeiramente com a etapa de ambientação, que começou no dia de 30 de outubro de 2019 e foi o primeiro contato com a escola. A recepção foi ótima pelos profissionais do CMEI Aldenora Santana de Lima, onde no primeiro momento, houve a apresentação das professoras, depois do ambiente escolar e logo depois direcionada para a sala e aula, na qual foi realizado todo o período de estágio. Logo que cheguei à sala de aula observei haver uma criança com Síndrome de Down e pude ver que o CMEI é inclusivo (inclui todas as crianças). Assim afirmou a gestora do CMEI, Mirtes Queiroz.



A educação inclusiva tem como pressuposto a melhoria das práticas educativas para todos. As dificuldades apresentadas pelos alunos com deficiência podem servir como impulso para a reflexão de toda a equipe da escola a respeito de práticas cristalizadas, produzindo avanços na qualidade da educação para todos os alunos. (AINSCOW, 1997; SÁNCHEZ, 2003).

Os professores tratam os alunos de forma igual, identifiquei isso durante o período de observação, e a professora (supervisora técnica) é bem criativa e dinâmica, pois antes de iniciar as aulas ela começa com a música, oração e brincadeiras. A observação foi em 10 dias, sendo que as atividades desenvolvidas pela supervisora técnica no estágio na etapa de observação ocorreram da seguinte forma: atividades de pinturas, escritas, colagem, envolvendo tinta guache, e brinquedos de encaixamento. A etapa da regência foi iniciada logo após o término da primeira etapa. Passei a auxiliar a professora com as atividades, dinâmica e brincadeiras na sala de aula. Ela apresentava uma facilidade em lidar com as crianças, mesmo com as “briguinhas” entre elas alguns momentos. No momento da contação de história, a educadora organizava as crianças em círculo e procurava sentar perto da criança com SD para evitar que ela saísse do lugar no momento da socialização. O interesse é que ela começava sempre com uma música e finalizava também.

Mais a partir das análises feitas no CMEI, constei com um problema recorrente das crianças no ambiente: elas apresentavam comportamentos de agressividade uns aos outros, a indisciplina com mordidas e empurrões. O que era preocupante, pois quando a professora saía e ficávamos na sala, era muito difícil para controlar as crianças, e por mais que eu tentasse chamar a atenção com músicas ou brinquedo, eu ainda não tinha a prática da professora regente deles. Eram desenvolvidas atividades com a ludicidade, onde sabemos que o Lúdico faz parte de nossas vidas desde muitas décadas passadas. A origem da palavra lúdica vem do latim *ludu* que significa jogo. Esse jogo é colocado como algo que transmite lazer e muitas vezes relacionado com as crianças. Na educação infantil um jogo tem a finalidade de ensinar sobre um determinado assunto para as crianças, ou seja, o professor utiliza essas ferramentas pedagógicas para trabalhar os conteúdos da semana.

Ensinar com a ludicidade para esses profissionais, ajuda no desenvolvimento da vida social das crianças, principalmente em momentos de socialização. A ludicidade possibilita ao educando o seu progresso pessoal, relativos a fatores sociais e culturais, colaboram para uma boa saúde física e mental, facilitando o processo de socialização, comunicação, construção de conhecimento, desenvolvimento pleno do processo de ensino aprendizagem.



Por tanto, a aptidão lúdica, assim como a possibilidade de atuação crítica, propicia ao aluno uma participação ativa no processo de ensino aprendizagem, ocasionando um momento singular de crescimento pessoal e coletivo. Jean Piaget (1971) ressalta que o desenvolvimento da criança acontece através do lúdico, ela precisa brincar para crescer. Diante tal pensamento, compreende-se a importância do universo lúdico na infância, pois através dele, a criança se satisfaz, realiza seus desejos e explora o mundo ao seu redor.

O lúdico enquanto a formação do educador, também tem sua suma importância. É através dele que o educador pode desenvolver atividades que sejam divertidas e que, sobretudo ensine os alunos a discernir valores éticos e morais, formando cidadãos conscientes dos seus deveres e de suas responsabilidades, além de proporcionar situações que haja uma interação maior entre professores e alunos.

Muitas ocasiões a ludicidade é ausente, um dos fatores que provoca isso é à maneira de como esse lúdico será utilizado. Segundo Silva (2014, p.17) para que o lúdico faça parte do cenário educacional é necessário que os professores, mais que atuam com crianças pequenas tenham consciência da importância do brincar e que papel ele pode desempenhar na vida das crianças.

Diante da citação da autora, o professor deve pesquisar e investigar antes de utilizar essa ferramenta pedagógica. Precisa de um planejamento, saber qual jogo é o adequado para trabalhar naquele momento, pois não é somente brincar por brincar e sim aprender brincando, é ter um objetivo para cada jogo ou brincadeira que vai ser utilizado. Silva (2014) o lúdico são brincadeiras e jogos essenciais na vida da criança, que faz parte da realidade dela e que ajuda no processo de aprendizagem mais significativa, construindo assim um convívio social e até mesmo cooperativo.

De acordo com Modesto e Rubio (2014) sobre a ludicidade, ela é capaz de traduzir valores, costumes, forma de pensamentos e gerando aprendizagem. Os jogos e as brincadeiras fornecem à criança a possibilidade de ser o construtor do seu próprio conhecimento, tornando-o autônomo progressivamente diante dos estímulos de seu ambiente. Podemos compreender diante do pensamento dos autores que o lúdico tem uma grande importância no processo de ensino aprendizagem da criança.

A prática docente também é importante para podermos fazer a diferença no campo educacional, em toda aula era cantada a música” O jacaré foi passear lá na lagoa” trabalhando o campo de experiência, corpo gesto e movimento. Quando isso acontecia no pátio do CMEI durante a socialização das crianças com as outras de outra sala, surgiam as brigas e mordidas. Muitas vezes a criança com SD era a que mais fazia isso, mas acontecia quando a outra criança



não queria brincar com ela, não sabia se era por conta da aparência que diferia delas, ou se a família tinha participação nisso, pois sabemos que criança não tem preconceito, o preconceito é colocado nela.

E relacionando com as afirmações de Nolte e Harris (2003), quando ambos falam que as crianças aprendem o que vivenciam, se convivem com a inveja, aprendem a invejar. Se vivem com vergonha, aprendem a sentir culpa. Se vivem sendo incentivadas, aprendem a ter confiança em si mesma. Se as crianças vivenciam a tolerância, aprendem a ser pacientes. Se vivenciarem os elogios, aprendem a apreciar. Se vivenciarem a aceitação, aprendem a amar. Se vivenciarem a aprovação, aprendem a gostar de si mesmas. Vivenciam-se o reconhecimento, aprendem que é bom ter um objetivo.

As crianças com Síndrome de Down (SD) que por um erro de distribuição dos cromossomos das células, elas apresentam uma trissomia, ao invés de duas, por uma falha na divisão do cromossomo celular do embrião, acaba revertendo numa trissomia do cromossomo 21. Criança com SD contém algumas dificuldades do nascimento até a fase adulta. No ambiente escolar tem dificuldades em desenvolver algumas atividades, devido à memorização curta e auditiva, com a fala, sensoriais com a audição, visão e atraso na coordenação motora grossa e fina.

A SD é definida por ter 47 cromossomos, ao invés de 46 como maiores partes das pessoas. As pessoas diagnosticadas com a síndrome apresentam personalidades únicas e inclusivamente delas. É desenvolvida no momento da concepção da criança, ou seja, não são os pais que escolhem ter filhos assim e não é culpa deles se a criança nasce com a síndrome, é algo biológico.

Alguns pais não sabem como se comportar diante de tal situação, por muitas vezes pessoas que possui algum tipo de deficiência sofre por exclusão, mas é importante esclarecer que a SD não é uma doença na qual é impossível de viver na sociedade, pelo contrário pessoas com essa síndrome é capaz de fazer o que quaisquer pessoas são capazes de fazer. O papel do psicólogo se torna importante no ambiente familiar quando uma criança nasce com um tipo de deficiência, pois é um choque para eles, principalmente para as mães que esperam por nove meses, para ver o rosto de seus filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração tudo, abordado até aqui devemos observar sobre nossas atitudes e pensamentos sobre as coisas que estão ao nosso redor. O estágio é importante para a formação



docente em todos os sentidos possíveis, é nesse momento que ele sabe se é realmente isso que ele quer para a sua vida. O que entristece é ver e ouvir de estagiários que foram mal recebidos pela escola na qual escolheu para ser realizado o estágio.

Sendo que a equipe escolar deveria se sentir feliz porque foi escolha de um estagiário, onde teve um motivo para estagiar no ambiente escolar. Acredito que esse seja um dos motivos que leva um universitário a desistir do curso, pois sabemos e vemos a todo o momento em redes sociais e jornais professores sendo agredidos pelos pais e aluno, e se deparar com um profissional da área e eles dizerem que não vale a pena, que não vai ser valorizado, que vai ser humilhado e que nunca sairá da mesmice, é difícil continuar. Pois, esse educador deveria apoiar, dizer que vai ser difícil mais somos guerreiros e vamos vencer, pois, acredito que a união faz a força. É certo que o cenário que se encontra no momento é precário em relação à situação dos professores. Mas, se uma pessoa escolheu ser professor é por que um motivo muito forte tem. Algum professor foi motivo de inspiração para poder seguir nesse caminho, é muito gratificante fazer aquilo que se gosta. E se escolheu ser professor é porque sonha em salvar vidas, porque é justamente isso que está profissão faz. E quando o professor está capacitado, qualificado e determinado em cumprir o que disse nos votos de formatura, ele sabe a importância da inclusão. Principalmente quando se trata de crianças. Elas aprendem com facilidade, assim como Nolte e Harris (2003) abordaram no decorrer desta pesquisa. A escola tem várias crianças com características diferentes é um lugar de harmonia, alegria, e infelizmente às vezes se torna um pesadelo. Em casa é colocado para elas que não podem brincar com o coleguinha porque ele vai destruir com os seus brinquedos. Não pode brincar com o coleguinha porque só tem uma perna e não vai poder jogar bola com você, o outro coleguinha grita bastante e vai destruir as suas atividades e assim vai aparecendo outras coisas mais. A criança vai apresentando comportamentos de exclusão e preconceito com as outras, o que vai gerando um trauma para aquelas rejeitadas, pois vai tendo medo de interagir e conversar com as pessoas, pois podem sorrir dela, do jeito, do andar e o modo de falar. Existem leis que apoia essas pessoas, seja elas na fila de um supermercado, na fila do banco ou até mesmo na escola. Mas, isso não faz com que o preconceito das pessoas de revele contra elas. Devemos trabalhar com nossas crianças sobre o respeito que elas devem ter, para poder crescer tendo consciência que deve respeitar e ver que ela é igual nas diferenças. Não temer porque existem leis, que se ofender a pessoa deficiente vai ser presa ou condenada, porque isso não adianta nada. Diante do estágio que foi realizado, em muitos momentos as mães pediam para que tratassem seus filhos iguais aos outros, mas logo depois ela mesma fazia o contrário. É certo que quando se tem um filho que



uma deficiência, o cuidado e a proteção são maiores, porém tem que entender que se não for tratada de forma igual aos outros, a criança nunca aprenderá a ter independência e confiança em si mesma. A formação dos professores também é importante nesse caso, pois ele saberá como incluir essas crianças ao meio. Devemos refletir sobre nossas atitudes e como estamos lidando com elas, pois tudo que fazemos é marcado. Essas crianças têm uma inteligência enorme e que precisa ser mostrado, eliminar os pensamentos de que elas são inúteis porque possui uma deficiência. Elas aprendem, porém, de maneiras diferentes e para isso os professores precisam buscar metodologias simples e criativas para despertar isso.

REFERÊNCIAS

AINSCOW, M. **Educação para todos: torná-la uma realidade.** In: AINSCOW, M.; PORTER, G.; WANG, M. (Eds). **Caminhos para as escolas inclusivas.** Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1997. p. 13-29.

BARROS, Zelinda. Escola, racismo e violência. **Projeto Gênero, Raça e Cidadania no Combate à Violência. Caderno para professores.** Salvador: NEIM, UFBA, p. 35-39, 2005.

BARROZO, Amanda Faria et al. **Acessibilidade ao esporte, cultura e lazer para pessoas com deficiência.** Cadernos de pós-graduação em distúrbios do desenvolvimento, v. 12, n. 2, p. 16-28, 2012.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Direito à educação: direito à igualdade, direito à diferença.** Cadernos de pesquisa, p. 245-262, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas. 2002.

GUSSO, S. F. K; SCHUARTZ, M. A. **A criança e o lúdico: A importância do brincar.** 2013.

Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2005/anaisEvento/documentos/com/TCCI057.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2021.

Harris, A. and Lambert, L. **Building Leadership Capacity for School Improvement.** 2003.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza.** Cortez, 2001.

LAKATOS, E. M, MARCONI, M. D. A.; **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados.** 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.



MENDES, Enicéia G.; RODRIGUES, O. M. P. R.; CAPELLINI, V. L. M. F. **O que a comunidade quer saber sobre educação inclusiva.** Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 9, n. 2, p. 181-194, 2003.

MODESTO, M. C.; RUBIO, J. A. S. **A importância da ludicidade na construção do conhecimento.** Revista eletrônica Saberes da educação – volume 5 – nº1, 2014.

NASCIMENTO, P. A. M. M.; BAHIA, Melissa Santos; CUNHA, Mateus Almeida. **O Benefício de Prestação Continuada como Entrave à Inclusão da Pessoa com Deficiência no Mercado Formal de Trabalho: uma Proposta de Modificação da Lei n. ° 8.742/93 (LOAS).** In: VI Conferência Regional De Istr Para América Latina y el Caribe. 2005. p. 8-11

OLIVEIRA, Rafaela Vilasboa. **Benefícios de atividades culturais, de esporte e de lazer para a saúde de pessoas com deficiência intelectual: estudo de publicações científicas no período 2003-2013.** 2013.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança, imitação, jogo, sonho, imagem e representação de jogo.** São Paulo: Zanhar, 1971.

SCALABRIN, Izabel Cristina; MOLINARI, Adriana Corder. **A importância da pratica do estágio supervisionado nas licenciaturas.** Revista Unar, v.7, n.1, p.1-12, 2013.

SEKKEL, Marie Clarie; ZANELATTO, Raquel; DE BARROS BRANDÃO, Suely. **Ambientes inclusivos na educação infantil: possibilidades e impedimentos.** Psicologia em estudo, v.15, n.1, p.117-126, 2010.

SILVA, F. A.; PEDRO, Vanize Dalla Costa. **Educação inclusiva.** A escola, v. 3, 2014.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2002.

TEIXEIRA, HÉLITA Carla; VOLPONI, Maria Neli. **A importância do brincar no contexto da educação infantil: creche e pré-escola,** 2004.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** São Paulo: Atlas, 1998.